

Watakushi Shosetsu de Osamu Dazai e a antissociabilidade niilista-existencialista do alter ego

Watakushi Shosetsu by Osamu Dazai and the nihilistic-existentialist antisociality of the alter ego

Vitor Yukio Ivasse Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8927-6630>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2553115518503149>

Elizete Albina Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6266-0624>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7838155117795661>

URL do artigo: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265379>

Recebido em: 28/12/2024. Aprovado em: 10/10/2025.

Editora responsável: Simone Martins Cabral, Vitoria Ferreira Doretto.

Revista de Estudos da Ásia

Recife, v. 1, n. 1, 2025.

Coordenadoria de Estudos da Ásia, do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

Website: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosasia>

Contato: revista.estudosdaasia@ufpe.br https://www.instagram.com/revista_estudos_asia

Como citar (ABNT)

ALVES, Vitor Yukio Ivasse; FERREIRA, Elizete Albina. Watakushi Shosetsu de Osamu Dazai e a antissociabilidade niilista-existencialista do alter ego. **Revista de Estudos da Ásia**, Recife, v. 1, n. 1, e265379, p. 1-28, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265379>. Acesso em: 11 out. 2025.



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A **Revista de Estudos da Ásia** não se responsabiliza por conceitos, análises, opiniões e ideias apresentados pelos autores dos textos, nem por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e quaisquer outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela reprodução e utilização de imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

**WATAKUSHI SHOSETSU DE OSAMU DAZAI E A
ANTISSOCIABILIDADE NIILISTA-EXISTENCIALISTA
DO ALTER EGO**

***WATAKUSHI SHOSETSU BY OSAMU DAZAI AND THE NIHILISTIC-
EXISTENTIALIST ANTISOCIALITY OF THE ALTER EGO***

URL do artigo: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265379>

Vitor Yukio Ivasse Alves¹

Licenciado magna cum laude em Letras-Português pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Goiás, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2553115518503149>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8927-6630>

E-mail: yukiovitor@gmail.com

Elizete Albina Ferreira²

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7838155117795661>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6266-0624>

E-mail: elizetealbinaferreira@gmail.com

¹ Mestrando em Letras, Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Integra os grupos de pesquisa "Estudos da Personagem" (PUC-GO) e "Crítica Feminista e Autoria Feminina: Cultura, Memória e Identidade" (UFGD).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Vice Coordenadora do Programa Mestrado em Letras da PUC/Goiás.

RESUMO

Este artigo examina a obra *Declínio de um Homem* (2018), de Osamu Dazai, à luz da antissociabilidade existencialista presente na construção de seu alter ego literário. O estudo propõe uma análise da maneira como Dazai utiliza o romance como um reflexo de sua própria condição existencial, explorando a alienação e o sofrimento psíquico de seu protagonista como manifestações de um desejo de desconexão com a sociedade. Através da lente existencialista, a obra revela uma crítica profunda à incapacidade de comunicação e à frustração de encontrar um propósito dentro das convenções sociais, ecoando as ideias de Nietzsche, Sartre, Schopenhauer e Camus sobre o indivíduo, a liberdade e o sofrimento existencial. A relação entre autor e personagem é investigada, destacando a dicotomia entre identidade e alter ego, e como essa separação enfatiza a luta interna do sujeito moderno contra as normas e expectativas sociais. Ao final, argumenta-se que essa antissociabilidade não apenas reflete as tensões psicológicas e existenciais enfrentadas por Dazai, mas também evidencia uma crise mais ampla na literatura japonesa pós-guerra, na qual a desconexão e o desespero existencial se tornam temas centrais na reconstrução da subjetividade.

Palavras-chave: *Declínio de um homem*; existencialismo; niilismo; Osamu Dazai; watakushi shosetsu.

ABSTRACT

This article examines *No Longer Human* (2018) by Osamu Dazai through the lens of the existentialist antisociality present in the construction of his literary alter ego. The study proposes an analysis of how Dazai uses the novel as a reflection of his own existential condition, exploring the alienation and psychological suffering of his protagonist as manifestations of a desire for disconnection from society. Through an existentialist perspective, the work reveals a profound critique of the inability to communicate and the frustration of finding purpose within social conventions, echoing the ideas of Nietzsche, Sartre, Schopenhauer, and Camus on the individual, freedom, and existential suffering. The relationship between author and character is investigated, highlighting the dichotomy between identity and alter ego, and how this separation underscores the internal struggle of the modern subject against social norms and expectations. The article seeks to understand how antisociality, as both a philosophical and literary condition, becomes a reflection of the psychological and existential tensions faced by Dazai, and how these tensions resonate with post-war Japanese literature.

Keywords: *No Longer Human*; existentialism; nihilism; Osamu Dazai; watakushi shosetsu.

WATAKUSHI SHOSETSU DE OSAMU DAZAI E A ANTISSOCIABILIDADE NIILISTA-EXISTENCIALISTA DO ALTER EGO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Watakushi Shosetsu, gênero literário que explora as complexidades da psique humana, ocupa um lugar de destaque na literatura moderna do Japão, especialmente por sua capacidade de transitar entre autobiografia e ficção. Dentro dessa tradição, a obra de Osamu Dazai (1909–1948) se destaca como uma expressão singular da convergência entre o autor e o eu fictício, especialmente por meio de narrativas que tensionam os conceitos de alteridade e subjetividade fragmentada. Este artigo analisa o romance de Dazai, com ênfase no alter ego como um constructo literário que articula uma antissociabilidade niilista e existencialista, refletindo tanto as angústias do autor quanto as contradições culturais do Japão no pós-guerra.

Osamu Dazai, frequentemente associado à Escola Decadente³ (Buraiha), utilizou sua produção literária como veículo de expressão para inquietações existenciais profundamente marcadas por sentimentos de inadequação, alienação e culpa. Por meio de uma prosa marcada por elementos autobiográficos, Dazai construiu narrativas que habitam um limiar instigante entre a confissão e a ficção, explorando os meandros de uma subjetividade fragmentada.

O conceito de antissociabilidade em Dazai configura-se como uma resistência niilista que questiona a legitimidade da existência, refletindo as contradições de um Japão em transformação no pós-guerra. A ocupação americana e as reformas democratizantes intensificaram a crise identitária ao confrontar o conservadorismo e os valores coletivistas com novas influências ocidentais. Dazai captura essa tensão ao explorar a alienação e o colapso dos antigos ideais, transformando sua literatura em um retrato íntimo das cicatrizes culturais e da busca por autenticidade em uma nação fragmentada. Nesse contexto, a literatura pós-guerra expressa uma ruptura, na qual o coletivismo e a harmonia social colidem com o individualismo emergente e a sensação de desajuste.

Esta investigação fundamenta-se em uma abordagem interpretativa da obra de Dazai *Declínio de um homem* (2018), como o ponto culminante de sua produção literária autobiográfica. A pesquisa dialoga com teorias do niilismo e do existencialismo para

³ O estilo Buraiha fazia uma crítica tanto ao pensamento conservador japonês predominante no período pré-guerra quanto aos valores ocidentais trazidos pela ocupação pós-guerra. Os escritores associados a essa escola eram fortemente influenciados por filósofos existencialistas, como Jean-Paul Sartre e Albert Camus.

contextualizar a relevância das escolhas estéticas de Dazai no panorama mais amplo da literatura mundial. A análise concentra-se na dialética entre a construção do eu fictício e a desconstrução do sujeito social, abordando como essas narrativas dialogam com temas como fracasso, vergonha e ausência de sentido.

Ao explorar o Watakushi Shosetsu como um espaço liminar em que as fronteiras entre vida e arte se dissolvem, este estudo sustenta que a obra de Dazai constitui, ao mesmo tempo, uma denúncia do absurdo da condição humana e um exercício literário que busca legitimar, por meio da palavra escrita, uma existência marcada pela desintegração. A análise da antissociabilidade niilista-existencialista de seu alter ego não apenas ilumina as dinâmicas psicológicas e culturais subjacentes a suas narrativas, mas também revela uma dimensão catártica que transcende a esfera pessoal para alcançar uma universalidade inquietante.

2 O GÊNERO LITERÁRIO WATAKUSHI SHOSETSU

O Watakushi Shosetsu, ou Shishosetsu⁴, é um gênero literário distintivo da literatura japonesa que emergiu no final do século XIX, em meio ao processo de modernização e ocidentalização do Japão. Este estilo narrativo, caracterizado pela subjetividade extrema e pela introspecção, reflete as transformações sociais e culturais da era Meiji (1868–1912), período em que o país buscava consolidar sua identidade nacional enquanto assimilava influências ocidentais

De acordo com Meiko Shimon (2000), durante a era Edo (1603–1868), a literatura havia perdido o prestígio de ser uma prática associada ao homem culto, passando a ser considerada uma ocupação indigna para pessoas de caráter. Além disso, no início da era Meiji, as diretrizes políticas priorizavam o fortalecimento econômico e militar, relegando a literatura a um plano secundário, e “somente na segunda metade da década de 1880 começam a surgir na literatura japonesa obras que seriam consideradas modernas” (Shimon, 2000, p. 20).

A análise do Watakushi Shosetsu revela a singularidade do gênero ao iluminar as complexas relações entre o sujeito e a sociedade japonesa, bem como as interações entre elementos tradicionais e influências ocidentais na literatura nipônica. Caracterizado por uma profunda introspecção, o gênero inspira-se nas experiências pessoais dos autores, que tornam

⁴ Shishosetsu e Watakushi Shosetsu referem-se ao mesmo gênero literário na literatura japonesa, ambos os termos utilizam o mesmo kanji. A diferença entre os dois termos está mais na ênfase ou no uso histórico. O termo Watakushi Shosetsu foi mais comum no início do século 20, enquanto Shishosetsu tem sido mais amplamente utilizado. Porém, ambos descrevem a mesma tradição literária que focaliza a experiência pessoal do autor de maneira direta, com uma narrativa muito próxima ao seu próprio ponto de vista.

públicos seus conflitos internos, explorados de forma meticulosa (Shimon, 2000). O termo Watakushi, que significa "eu" ou "meu", sublinha o foco na individualidade e na experiência introspectiva do protagonista.

Esse estilo contrasta com a literatura clássica japonesa, que, por muito tempo, privilegiou uma construção mais impessoal e evocava um senso de transitoriedade e melancolia, pois “declarar publicamente a intimidade de sua fraqueza carnal era um ato inédito que causou enorme impacto na sociedade de então, ainda fortemente ligada aos rígidos preceitos confucionistas” (Shimon, 2000, p. 21-22). Com a Revolução Meiji (1868–1912), a introdução de novas formas literárias ocidentais e a busca por uma literatura nacional que refletisse os novos tempos impulsionaram o desenvolvimento do Shishosetsu. Este gênero, ao combinar introspecção com as inovações trazidas pela modernidade, “tornou-se uma presença constante na tradição literária japonesa” (Shimon, 2000, p. 22). Conforme Kawana:

A concepção de que a literatura deveria ser uma expressão da verdade e da realidade humana do naturalismo chega ao Japão com a abertura do país após a Reforma Meiji (1868) e o afluxo de ideias e obras ocidentais. No entanto, a realidade objetiva do naturalismo europeu se transforma na realidade imediata tal como ela é vivida por um narrador-protagonista identificado com o autor e a verdade passa a ser a exposição sincera dos acontecimentos feita a partir do ponto de vista deste último no naturalismo japonês. O foco se volta, assim, para o próprio autor, o que dá azo à produção de textos de cunho confessional, nos quais o autor expõe sua vida e mesmo a das pessoas que compõem seu círculo de relações, bem como suas próprias emoções e pensamentos (Kawana, 2021, p. 117-118).

O Naturalismo Ocidental, enquanto movimento literário, emergiu no final do século XIX como uma evolução do Realismo, incorporando princípios das ciências naturais para explorar as dinâmicas humanas sob a ótica do determinismo biológico, social e psicológico. De acordo com Senra (2006), os naturalistas, influenciados pelo Positivismo de Auguste Comte e pela Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, buscavam reproduzir a realidade sob uma perspectiva científica. Esse movimento orientava-se por valores como objetividade, imparcialidade, materialismo e determinismo. Diferentemente de outros movimentos literários, o Naturalismo teve como figura central Émile Zola, que, em 1880, consolidou os fundamentos do movimento ao publicar a coletânea de ensaios *O Romance Experimental*. Nessa obra, Zola define os princípios norteadores do Naturalismo, destacando a relação entre literatura e ciência.

Por outro lado, o Watakushi Shosetsu constitui um fenômeno literário japonês que se desenvolveu no início do século XX, em um contexto de assimilação e adaptação das influências ocidentais. Embora possa ser interpretado como uma reação ao Naturalismo Ocidental, o gênero japonês adota uma abordagem marcadamente distinta, ao privilegiar a

introspecção subjetiva e a autenticidade emocional. Nesse gênero, autor e narrador frequentemente se fundem, criando narrativas confessionais que expõem, de forma minuciosa e pessoal, os dilemas interiores, as experiências cotidianas e as fragilidades humanas. Segundo o crítico Kobayashi Hideo (1935), essa vertente literária emerge não apenas da inclinação subjetiva dos japoneses, mas também de uma sociedade desprovida de estruturas para criar algo inteiramente novo, o que contribui para a centralidade do eu nas narrativas.

Sobre esse paralelo, Donald Keene (1999) observa:

A corrente naturalista japonesa foi desenvolvida de forma diferente da europeia. O naturalismo europeu surgiu como uma reação à ênfase excessiva sobre o indivíduo na literatura romântica, mas a busca pelo individual era a característica mais proeminente no naturalismo japonês. Essa procura foi intensificada [...] e teve sua principal expressão por meio do Romance do Eu (watakushi shōsetsu) com tentativas de estabelecer a individualidades dos autores na forma de romances (p. 221).

Fowler (1989) explora uma tensão crítica que expõe não apenas divergências estéticas, mas também profundas questões ideológicas no campo da literatura. A ridicularização do gênero literário por críticos progressistas, que o interpretavam como uma adaptação imperfeita do romance naturalista ocidental, revela uma visão eurocêntrica que tende a desconsiderar as especificidades culturais e contextuais da produção literária local. Em contrapartida, sua valorização por críticos tradicionais, que o exaltavam como uma expressão cultural essencialmente autêntica, reflete uma tentativa de reafirmação identitária e de preservação de uma singularidade cultural frente às influências estrangeiras. Esse embate entre as perspectivas progressistas e conservadoras destaca o conflito central entre a busca por modernização e a preservação da autenticidade cultural, elementos fundamentais para a construção de uma literatura nacional e para a definição de seus parâmetros de legitimidade estética.

O gênero também mantém uma estreita relação com o modernismo japonês, refletindo as tensões e os dilemas do indivíduo frente à crescente industrialização e ocidentalização da sociedade. Conforme observado por Konishi (1994), a inclinação ao shishosetsu é uma peculiaridade da literatura moderna japonesa. Essa tendência, segundo o autor, evidencia a condição de semimodernização⁵ do Japão, na qual os escritores exploravam as nuances da condição humana, mas evitavam confrontar diretamente as questões da realidade social. Complementando essa perspectiva de Konishi, Kawana (2016) argumenta:

⁵ A semimodernização no Japão pós-Segunda Guerra Mundial refere-se ao processo de adaptação parcial de instituições, valores e práticas ocidentais na sociedade japonesa, sem uma ruptura total com as tradições culturais e sociais.

O conceito de romance nos moldes ocidentais é relativamente recente no Japão, praticamente posterior à Revolução Meiji, quando o país procura se modernizar e se abre para as ideias externas. A literatura recebe a influência dos romances europeus do século XIX, especialmente do naturalismo francês. Antes que o romance moderno fosse adotado pelos escritores japoneses, o *gesaku* era o gênero literário predominante. Leves, divertidas, satíricas, as obras desse gênero procuravam atingir e agradar o maior público possível, mas não eram consideradas literatura séria, com conteúdo intelectual significativo. Eram uma forma de entretenimento. É somente após a introdução das ideias do Ocidente que a noção de que a literatura, particularmente o romance, teria um valor cultural, artístico e social ganha força. O romance torna-se, então, uma forma dos intelectuais expressarem suas ideias e visão de mundo (Kawana, 2016, p. 62).

A introdução de temas como alienação, solidão e crise de identidade caracteriza essa vertente literária, que explora a psique humana de forma detalhada e subjetiva. As narrativas do gênero raramente oferecem soluções ou finais felizes, configurando-se como meditações sobre o sofrimento e a complexidade da existência humana. Um exemplo marcante é o romance *Futon* (1907), do escritor Tayama Katai (1871–1930), considerado o precursor do gênero. A obra narra a história de um escritor angustiado de meia-idade que, embora casado e com filhos, se sente atraído por uma jovem, evidenciando os dilemas internos do protagonista (Shimon, 2000).

O Watakushi Shosetsu também pode ser compreendido como uma resposta as transformações sociais e culturais vivenciadas pelo Japão ao longo da era Meiji. O processo de semimodernização trouxe uma série de conflitos internos para o sujeito japonês, desafiado a conciliar a preservação das tradições culturais com a adoção de práticas ocidentais:

Ao fim do período Tokugawa ou Edo (1603-1868), o Japão saiu de um isolamento nacional (鎖国 *sakoku*) de mais de dois séculos e a partir da segunda metade do século XIX direcionou toda a sua energia para a realização de um objetivo: estabelecer um estado-nação moderno, voltando-se ao Ocidente (Sasaki, 2017, p. 19).

O Watakushi Shosetsu, ou romance pessoal, explora de forma profunda as tensões entre o indivíduo e a sociedade, frequentemente colocando o narrador em um estado constante de introspecção. Nesse gênero, questões relacionadas à identidade e à relação com o mundo exterior são analisadas sob uma perspectiva subjetiva e emocional. O sujeito moderno, marcado pela crise existencial, frequentemente se percebe isolado e incapaz de encontrar seu lugar em uma sociedade em rápida transformação. Assim, o romance do eu não é apenas uma narrativa de autoexpressão, mas também um meio de enfrentar as tensões internas geradas pelo impacto da modernidade.

Neste contexto, a linguagem do gênero reflete nuances psicológicas que capturam a fragmentação e a complexidade da experiência subjetiva. O narrador, geralmente confuso e introspectivo, busca o autoconhecimento, mas frequentemente se vê incapaz de conciliar seus desejos pessoais com as demandas sociais. Essa construção narrativa enfatiza o fluxo de consciência do personagem, revelando seu desconcerto diante do mundo moderno.

A estrutura do gênero também está intrinsecamente ligada à natureza subjetiva da experiência humana. As narrativas frequentemente apresentam uma composição não linear, com longas digressões e monólogos interiores que desnudam os pensamentos e sentimentos do narrador de maneira fragmentada. Essa abordagem não objetiva oferecer uma resolução clara, mas, sim, capturar a profundidade da experiência emocional e o caráter multifacetado do sujeito.

Além disso, a linguagem introspectiva e ambígua do Watakushi Shosetsu expressa a indefinição da identidade do narrador, enquanto a escolha pela perspectiva em primeira pessoa e pelo tom confessional aproxima a obra da vivência pessoal do autor. Esse estilo narrativo torna nebulosas as fronteiras entre o real e o ficcional, permitindo que os escritores do período Meiji utilizassem suas obras para questionar o significado de ser japonês em um contexto de profundas transformações culturais e sociais.

Apesar de sua relevância e peculiaridades, o Watakushi Shosetsu enfrentou desafios críticos relacionados à sua teorização. Muitas vezes descrito como um gênero em que o autor utiliza sua própria vida como material narrativo, borrando as fronteiras entre ficção e autobiografia, essa definição levanta questões sobre os desafios interpretativos e conceituais associados a ele. Críticos argumentam que definições baseadas exclusivamente na intenção autoral, na fidelidade referencial ou nos temas abordados não conseguem oferecer uma categorização abrangente e coerente, revelando a complexidade intrínseca desse gênero literário.

Historicamente, conforme argumenta Tomi Suzuki (1996), os críticos literários têm adotado abordagens distintas para o estudo do Watakushi Shosetsu, cada uma com suas contribuições, mas também com limitações metodológicas significativas. A tentativa de definir esse gênero em termos da intenção autoral, ou como uma confissão direta da experiência pessoal do escritor, revela-se problemática. Essa visão pressupõe uma transparência total entre o autor e sua obra, desconsiderando a mediação narrativa e a artificialidade intrínseca à literatura. Mesmo quando os autores se baseiam em suas próprias experiências, a transformação dessas vivências em texto envolve escolhas estilísticas, estruturais e discursivas que

inevitavelmente distorcem ou reinterpretam a realidade vivida. Além disso, teóricos da desconstrução, como Jacques Derrida (2004), argumentam que o significado de um texto literário não pode ser reduzido à intenção do autor, uma vez que o sentido emerge do jogo interpretativo entre o leitor, a linguagem e o contexto.

Por outro lado, abordagens temáticas, embora valiosas, ao identificar padrões recorrentes como introspecção, alienação e a busca por autenticidade, falham ao não capturar a multiplicidade das formas e estratégias narrativas que definem o Watakushi Shosetsu. Autores como Shiga Naoya (1883-1971) e Osamu Dazai, embora compartilhem preocupações temáticas relacionadas ao eu, apresentam construções narrativas profundamente distintas.

Enquanto Shiga adota um estilo contido e austero, Dazai dramatiza o sofrimento de seus personagens com uma intensidade emocional marcada por ironia. A tentativa de categorizar ambos sob uma mesma ótica temática desconsidera essas diferenças estilísticas e estruturais, reforçando a argumentação de Asami Fukashi (1966) de que o Watakushi Shosetsu não deve ser reduzido a uma autobiografia ou confissão, mas compreendido como uma construção narrativa em que o autor se revela por meio de escolhas estéticas e estruturais que transcendem a mera exposição de sua vida pessoal.

A crítica implícita na afirmação de que é impossível definir o Watakushi Shosetsu apenas pela análise de textos designados como tal traz à tona uma questão fundamental: a necessidade de compreender esse gênero como um fenômeno discursivo e histórico, em vez de uma categoria literária estática. O Watakushi Shosetsu não existe isolado; ele é moldado pelas condições socioculturais da época, pela recepção crítica e pelas expectativas do leitor, elementos que interagem de maneira dinâmica e fluida na construção do significado literário:

O romance do eu é mais bem definido como o modo de leitura que assume que o romance do eu é uma expressão de voz única, 'direta', do 'eu' do autor e que sua linguagem escrita é 'transparente' — características até aqui vistas como atributos 'intrínsecos' do romance do eu. Ao invés de ser uma forma literária particular, o romance do eu era um paradigma literário e ideológico por meio do qual uma vasta maioria das obras literárias era julgada e descrita. Qualquer texto pode se tornar um romance do eu se for lido dessa forma (Suzuki, 1996, p. 6).

Portanto, uma abordagem mais frutífera para o estudo do Watakushi Shosetsu seria aquela que reconhece sua heterogeneidade intrínseca, enxergando-o como uma prática literária dinâmica, e não como um conjunto fixo de características ou intenções. Essa perspectiva não só amplia o escopo da análise, mas também revela a riqueza e a complexidade do Watakushi

Shosetsu como uma forma literária que constantemente desafia e subverte as convenções narrativas estabelecidas.

3 O JAPÃO E O EXISTENCIALISMO EUROPEU

Com a derrota na Segunda Guerra Mundial e a ocupação americana, o Japão passou por uma transformação que foi tanto estrutural quanto cultural. Esse período foi marcado por um sentimento de desorientação e perda, já que muitos dos valores e ideais que sustentavam a identidade nacional foram desafiados. A imposição de uma nova ordem criou um ambiente de tensões internas, em que um modelo de vida mais individualista se inseriu numa sociedade marcada pela coesão e pelo respeito às hierarquias (Sakurai, 2021). Assim, a perda de um propósito comum e a experiência do sofrimento coletivo levaram os japoneses a um confronto interno com questões existenciais que, ao emergirem na literatura, encontraram escopo nos conceitos do existencialismo ocidental.

O Kasutori jidai refere-se ao período pós-Segunda Guerra Mundial no Japão quando o país enfrentava uma grave crise social, econômica e moral. O termo "kasutori" se refere ao subproduto alcoólico do arroz, um destilado barato consumido por muitas pessoas devido à escassez de recursos. Este período foi marcado por um clima de desesperança, pobreza extrema, e uma busca constante por sentido em meio à destruição causada pela guerra. A literatura do Kasutori jidai reflete essa atmosfera de desolação, explorando temas como a alienação, o vazio existencial, a degradação moral e a luta por identidade em um Japão devastado.

No entanto, a literatura desse período vai além da simples crítica social, explorando também a relação do ser humano com sua interioridade e os dilemas éticos de uma nação em processo de reconstrução. Os escritores desse período, com seu realismo cru e uma linguagem direta, retratavam as angústias de uma sociedade dilacerada, apresentando protagonistas muitas vezes à margem e imersos em uma profunda crise existencial. Embora poderiam ser vistos como apóstolos da decadência ou filósofos da carne, ou até como existencialistas e niilistas, sua produção questionava as velhas doutrinas, agitando a consciência popular de maneiras que raramente os críticos intelectuais conseguiam alcançar. Mesmo que não tenham provocado uma transformação revolucionária no Japão, seu desafio às verdades estabelecidas foi inesquecível. Esses autores, ao darem estrutura quase filosófica a um estilo de vida degradado, refletiram o sofrimento humano em uma sociedade devastada (Dower, 1999).

Para esses intelectuais, a tarefa era não apenas capturar essa transição, mas também expressar as emoções complexas que ela gerava. A literatura, assim, tornou-se um canal para representar sentimentos de alienação, perda e angústia, típicos da crise pós-guerra. Como aponta Mónica Setuyo Okamoto (2017, p. 139):

Na literatura, por exemplo, houve reações distintas, no que diz respeito às manifestações de pensamento dos escritores. Cada literato, ao seu modo, expressou a sua experiência bélica, juntamente com a sua dor, a sua indignação, o seu temor e, em alguns casos, a sua esperança.

Ao abordarem esses temas, os autores japoneses desenvolveram narrativas que, embora não diretamente influenciadas pelo existencialismo europeu, ressoam de maneira semelhante e levantam questões sobre identidade, responsabilidade e liberdade individual — questões também centrais na filosofia existencialista ocidental. No caso de Osamu Dazai, sua obra se conecta intimamente a essa época e à filosofia existencialista que ganhou força após a guerra. Dazai explorou as complexidades da alma humana, com personagens que se sentem desconectados de uma sociedade que parece ter perdido seu rumo, refletindo uma alienação radical, incapaz de se integrar ao mundo à sua volta, o que ressoa com as angústias da época e com o sentimento de desesperança que caracterizou o Japão pós-guerra.

O existencialismo europeu, representado por autores como Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Albert Camus (1913-1960), propõe uma visão em que o indivíduo, livre para definir seu próprio destino, deve lidar com o peso dessa liberdade em um universo indiferente. No entanto, para os escritores japoneses, a representação da liberdade e responsabilidade individual não decorre da influência direta do existencialismo, mas de uma resposta espontânea à própria realidade do Japão.

A noção sartreana de que "a essência precede a existência" (Sartre, 2014, p. 19), embora ressoe no Japão, não funciona como um modelo para as obras japonesas, mas como uma ponte interpretativa. Os escritores japoneses abordaram a reconstrução da identidade a partir de suas próprias tradições e dilemas, mostrando-se receptivos à análise ocidental que identificava temas existenciais em suas narrativas.

Assim, a representação do homem alienado nas obras de Camus e Sartre encontra paralelos na literatura japonesa, no qual a solidão e o vazio assumem contornos próprios. Ao invés de importar diretamente os conceitos europeus, os escritores japoneses os adaptaram inconscientemente, criando representações de alienação e angústia que refletem uma condição existencial profundamente influenciada pela coletividade e pelas tradições culturais do Japão.

Esse diálogo crítico entre as obras japonesas e o existencialismo europeu revela como os conceitos ocidentais são redimensionados e recodificados dentro de um contexto cultural que valoriza a harmonia e a integração ao todo.

Na literatura japonesa do pós-guerra, as ideias de liberdade, absurdo, alienação e angústia emergem não como meras imitações, mas como expressões que dialogam de forma natural com o estado de espírito da época. Para Sartre (1988), a liberdade não é um ideal absoluto, mas uma condição em que o indivíduo é forçado a enfrentar as consequências de seus atos, como criador de seu próprio destino:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser (Sartre, 1998, p. 542-543).

Para os autores japoneses, que passaram por uma crise de identidade e de propósito no pós-guerra, a liberdade é interpretada não como uma conquista, mas como um peso que contrasta com a coletividade e o sistema de valores japoneses. A literatura japonesa retrata, assim, a liberdade como um dilema que, embora semelhante ao existencialismo, emerge de suas próprias contradições culturais.

O absurdo, compreendido como a discrepância entre a busca humana por sentido e a indiferença do universo (Camus, 2010), manifesta-se de forma independente, mas pode ser analisado em relação à literatura japonesa. A devastação causada pela guerra, especialmente pelos bombardeios atômicos, gerou uma nova consciência sobre o sofrimento e a fragilidade da existência. Entretanto, a expressão desse absurdo na literatura japonesa não deriva diretamente do pensamento europeu, mas emerge da experiência de desintegração e desalento vivida por uma nação que, até então, via-se guiada por um propósito divino e inabalável, refletido na ideologia do kokutai⁶ e na crença na infalibilidade do imperador.

Nesse cenário, a literatura japonesa do pós-guerra transforma o ato de viver em um enfrentamento contínuo do absurdo, alinhando-se à máxima de Camus (2010, p. 66) de que "viver é fazer com que o absurdo viva". A aceitação dessa desconexão como uma realidade

⁶ Kokutai é um conceito político e ideológico japonês que pode ser traduzido como "corpo nacional" ou "essência do Estado". Durante o período imperial, especialmente no governo Meiji e na primeira metade do século XX, kokutai representava a unidade espiritual e moral do Japão, fundamentada na lealdade absoluta ao imperador, considerado uma divindade viva.

irremediável não leva à resignação, mas à resistência existencial: um esforço constante para atribuir significado, ainda que temporário, em meio às ruínas de uma ordem desfeita.

A alienação, entendida como uma experiência de desconexão do mundo, assume nuances próprias na literatura japonesa. Em vez de se restringir à alienação existencialista ocidental, que se foca no isolamento individual, a alienação na literatura japonesa reflete uma ruptura entre o indivíduo e a sociedade. Em um contexto de rápida modernização e perda de valores tradicionais, as personagens da literatura japonesa pós-guerra manifestam essa alienação como uma crise de identidade e pertencimento, na qual o indivíduo, antes ligado a valores imutáveis, sente-se perdido. Assim, para a literatura japonesa, a alienação é mais uma expressão de sua própria condição histórica e cultural do que um tema diretamente influenciado pelo existencialismo europeu.

A angústia, na visão existencialista, refere-se à consciência da liberdade plena e de um futuro indefinido, o que também ressoa na literatura japonesa, mas com uma origem distinta. Para os escritores do pós-guerra, a angústia surge da sensação de vulnerabilidade e da necessidade de reconstruir não apenas o país, mas a própria essência do que significa ser japonês. Esse sentimento de angústia está vinculado à responsabilidade de moldar um futuro incerto em um Japão em processo de reconstrução, um conceito que, embora semelhante à angústia existencialista, brota diretamente do sofrimento japonês e de sua cultura de honra e coletividade.

4 ANTISSOCIABILIDADE NILISTA-EXISTENCIALISTA DO ALTER EGO: YOZO OBA

Yozo, o protagonista e anti-herói da obra *Declínio de um homem*, ocupa um lugar de destaque no imaginário literário japonês, sendo uma figura tão emblemática e paradigmática para os leitores nipônicos quanto Holden Caulfield, de *O apanhador no campo de centeio*, é para os leitores ingleses. Publicada em 1948, esta narrativa apresenta um quadro sombrio da alienação, da impotência e do colapso psicológico de um indivíduo imerso em uma sociedade que ele percebe como indiferente e hostil.

Os paralelos entre Yozo e o próprio Osamu Dazai são inegáveis; ambos são, simultaneamente, vítima e vitimizador (Wolfe, 1996). A trajetória de Dazai foi marcada por uma sucessão de tragédias e uma exaustiva turbulência emocional. Ele enfrentou conflitos existenciais intensos e uma constante luta contra a depressão, refletindo em sua obra as crises

identitárias que o consumiam. Além disso, sua vida foi permeada por relacionamentos complexos com mulheres igualmente problemáticas, que intensificaram sua instabilidade emocional. A dependência de morfina e o alcoolismo delinearam um percurso autodestrutivo que espelha o declínio moral e psicológico de Yozo. Ainda na década de 1940, enquanto estava na casa dos trinta anos, Dazai cometeu suicídio, em um ato trágico, junto de sua amante, Tomie Yamazaki. Tal evento sugere uma dimensão quase autobiográfica no romance, no qual Dazai projeta suas visões misantrópicas e um profundo desencanto com a humanidade.

Dazai estrutura a obra como o diário íntimo de Yozo, cuja existência é revelada por meio da descoberta de um médico anônimo. As reflexões desse narrador-médico acerca dos manuscritos de Yozo e da figura que deles emerge compõem o prólogo e o epílogo da obra. No prólogo, o médico apresenta uma descrição minuciosa das três únicas fotografias de Yozo que ele teve a oportunidade de examinar, utilizando-as como ponto de partida para construir uma interpretação preliminar da complexa subjetividade do protagonista:

A terceira foto é a mais estranha de todas. Não sei dizer ao certo quantos anos ele [Yozo] devia ter ali. Seus cabelos parecem um pouco grisalhos. Está no canto de um quarto muito sujo (a foto mostra claramente a parede do quarto rachada em três lugares), aquecendo as mãos em um pequeno braseiro, e dessa vez não sorri. Não tem expressão nenhuma. Para ser mais exato, é uma foto realmente repugnante, sinistra, como se, sentado com as mãos sobre o braseiro, ele estivesse morto. Mas o estranho não é somente isso. Nessa foto seu rosto está um pouco maior, então pude estudar em detalhes sua estrutura, mas sua testa era comum, as rugas ali também comuns, seus ombros comuns, seus olhos comuns, seu nariz, sua boca, seu queixo. Ah!, esse rosto não só não tem expressão, como nem ao menos deixa alguma impressão ao ser visto. Não tem nada de característico. Por exemplo, se observo a foto e fecho os olhos a seguir, no mesmo instante já me esqueci do rosto (Dazai, 2018, p. 15).

Declínio de um homem apresenta uma estrutura narrativa epistolar, construída a partir de três cadernos autobiográficos atribuídos ao protagonista, Yozo. Esses cadernos, que abrangem desde os anos de infância de Yozo até sua juventude nos seus vinte e poucos anos, oferecem um relato íntimo e perturbador de sua trajetória existencial.

O primeiro caderno centra-se no intenso conflito de Yozo com a compreensão da natureza humana, revelando uma profunda sensação de alienação que permeia sua existência. Embora proveniente de uma família abastada e socialmente respeitável, Yozo experimenta um sentimento inabalável de alteridade, manifestado em sua incapacidade de decifrar os comportamentos e motivações das pessoas ao seu redor, incluindo seus próprios familiares. Tal dificuldade é tão avassaladora que ele desenvolve um medo quase patológico dos outros, descrevendo-os como seres essencialmente distantes de sua compreensão.

As sentenças iniciais do diário de Yozo possuem uma potência discursiva autônoma, dispensando explicações preliminares ao encapsular, de forma direta e visceral, os dilemas existenciais que perpassam a narrativa. Essas primeiras palavras funcionam como uma síntese da alienação e do desconcerto que definem a subjetividade fragmentada do protagonista, evidenciando o caráter confessional e perturbador que permeia a obra: “Vivo uma vida repleta de vergonha. A vida humana é algo que não consigo entender” (Dazai, 2018, p.19).

A estrutura do romance é marcada pela progressão da queda de Yozo, que, desde sua infância, é mostrado como alguém incapaz de se ajustar às normas sociais e emocionais que regem a vida cotidiana: “Chegava a pensar que sobre mim havia recaído um fardo de dez desgraças e que, se apenas uma delas fosse repassada ao meu vizinho, seria suficiente para matá-lo” (Dazai, 2018, p. 22). Sua trajetória é pontuada por atos de violência, degeneração moral e um contínuo distanciamento das relações humanas, como se estivesse preso em uma existência paralela, sem conseguir estabelecer um contato genuíno com os outros. Através de suas observações sobre sua própria condição e suas interações com a sociedade, Yozo expressa uma visão de mundo profundamente cínica, na qual a autenticidade das emoções e a própria razão são constantemente questionadas:

Em resumo, eu ainda não compreendia nada sobre as ocupações das pessoas. O receio de que a minha noção de felicidade estivesse totalmente em desacordo com a noção de felicidade do resto das pessoas fazia com que, noite após noite, eu me revirasse de um lado para o outro na cama, gemendo, quase a ponto de enlouquecer. Será que eu era feliz? (Dazai, 2018, p. 22).

O fragmento extraído da obra estabelece uma relação com o conceito de niilismo, particularmente sob a perspectiva nietzschiana e existencialista. A inquietação do narrador em relação à concepção de felicidade—subjetiva e desconexa das expectativas sociais—reflete a ruptura ontológica entre o indivíduo e o mundo, elemento central na filosofia niilista:

Seja a razão desse estado afetivo a perda de um ente querido ou a desestruturação de nossa visão de mundo, a dificuldade central consiste em nos adaptarmos a uma perda profundamente dolorosa, em percorrer uma fase de transição carente de referenciais, em que precisamos realizar uma mudança radical em nós próprios. Nesse estado transitório, o modo como pensamos e encaramos o mundo corresponde exatamente ao niilismo, no qual tudo perde o sentido e a vida fica, por assim dizer, “suspensa no nada”, perfeitamente consciente de si mesma e de sua condição precária. Repudia-se a realidade subjetiva por diferentes motivos, mas chega-se à mesma perspectiva: o abismo niilista, o óbvio (Cancian, 2009, p. 32).

Essa crise sobre a normalidade social, conforme analisada por Émile Durkheim (2004) é uma condição marcada pela perda de coesão social e pela anomia, na qual valores tradicionais

perdem sua força normativa, resultando em um estado de alienação espiritual. Da mesma forma, Max Weber (2001) discute como o desencantamento do mundo na modernidade elimina os valores transcendentais, deixando o sujeito em um estado de incerteza quanto aos sentidos da vida.

A dúvida sobre o que constitui a felicidade e o desacordo entre a experiência individual e as normas coletivas representam, segundo Sarte (2014), a rejeição de valores absolutos, pois, sem a existência de fundamentos metafísicos, o ser humano é condenado à liberdade, devendo criar o próprio significado. Esse contexto se alinha ao absurdo de Camus (2010), no qual a busca por sentido colide com o silêncio do universo, lançando o sujeito em um abismo existencial e angustiante. Essa condição resultante dessa perda é caracterizada pela angústia, que revela o vazio de significado inerente à existência humana.

Tais aspectos ressoam como a "morte de Deus" anunciada por Friedrich Nietzsche em *A Gaia Ciência* (2012). Essa morte, no entanto, não deve ser entendida de forma literal, mas metafórica. Nietzsche (2012) sugere que as crenças e valores tradicionais que sustentavam a civilização foram esvaziados de sentido pela própria modernidade, especialmente pela ciência, pela razão e pelo progresso técnico. A morte de Deus significa o fim de uma garantia externa e absoluta para a existência humana, lançando a humanidade no abismo do niilismo.

Nietzsche argumenta que os valores absolutos desaparecem, obrigando o homem a reavaliar sua existência e encontrar novos significados, um desafio que se expande em *Assim Falou Zaratustra* (2018). Nesta obra, Nietzsche (2018) apresenta a ideia do *Übermensch* (ou Além-do-Homem), como um ideal de superação e criação de novos valores. O *Übermensch* representa o ser humano que supera o niilismo, não se deixando paralisar pelo vazio deixado pela morte de Deus, mas afirmando a vida como um processo contínuo de transformação e autossuperação. Este conceito desafia o homem a criar significados próprios, rejeitando a submissão a valores herdados ou universais.

Ademais, o tormento descrito por Yozo — "me revirava de um lado para o outro na cama, gemendo, quase a ponto de enlouquecer" (Dazai, 2018, p. 22) — ilustra a internalização do conflito entre a busca por autenticidade e a imposição de narrativas externas que moldam a noção de felicidade. Esse estado liminar, marcado por constante questionamento e ausência de respostas satisfatórias, é representativo do niilismo passivo, no qual o sujeito é consumido pela angústia diante da ausência de um propósito universal:

Este niilismo passivo em seu primeiro estágio surge no homem como uma necessidade de dar sentido à existência humana, cujo sentido está na finalidade de lhe manter na

vida, de fazer suportá-la de maneira passiva, quieto, dormente. É a partir de princípios metafísicos que se doutrina a construção de um mundo imaginário à imagem e semelhança do homem, portanto, antropomórfico, no entanto, anumano, inventado pela moral judaico-cristã que ampara a existência humana para o além-mundo, resultando, na modernidade, a continuidade desse mesmo tipo de ideal que nega o mundo, a natureza e a vida, levando o homem moderno a ideia de progresso e construção de um mundo ‘verdadeiro’, diferente deste (Oliveira, 2013, p. 82).

Portanto, a citação de Dazai dialoga profundamente com a condição niilista, na medida em que expõe não apenas a crise subjetiva do narrador, mas também a vulnerabilidade de construções simbólicas que sustentam a experiência humana. É nessa encruzilhada que o niilismo revela sua dupla face: o vazio como fonte de desespero, mas também como oportunidade para a reinvenção individual e a criação de novos valores

A obra expõe, de forma magistral, o sofrimento de um homem incapaz de encontrar propósito ou redenção, ao mesmo tempo que levanta questões filosóficas sobre a natureza da existência humana. A identidade fragmentada e a sensação de declínio — físico, emocional e social — operam como metáforas para a crise existencial e o desamparo que marcaram a sociedade japonesa no pós-guerra. Esse sentimento de desorientação e ruptura é experienciado por Yozo como uma alienação radical, em que a humanidade se revela uma farsa e os papéis sociais que ele desempenha são reduzidos a máscaras vazias. Seligmann-Silva (2000) ressalta que as grandes catástrofes humanas impactam profundamente a produção literária, transformando narrativas e redefinindo formas de expressão e interpretação de eventos traumáticos.

A complexidade do romance reside na articulação entre os dilemas psicológicos do protagonista e as questões mais amplas do período pós-guerra, evidenciando a fragilidade da condição humana diante da dor e da perda. No Japão devastado pela Segunda Guerra Mundial, as cicatrizes físicas e emocionais da derrota se entrelaçam com a angústia existencial dos indivíduos, que lutam para reconstruir não apenas suas cidades, mas também suas identidades fragmentadas.

Yozo, marcado pela ausência de si mesmo, reflete essa crise ao tentar compreender suas motivações e a natureza de sua queda, confrontando apenas caos e incompreensão. Seu desajuste social e seu profundo sentimento de alienação encontram eco em uma nação que, diante da ocupação e das transformações impostas pelo Ocidente, sente-se deslocada e dilacerada. Nesse contexto, o narrador conduz sutilmente o leitor a explorar sentimentos universais muitas vezes reprimidos — o medo, a vergonha, a culpa —, emoções frequentemente

evitadas, reforçando a conexão íntima entre a narrativa e a experiência humana em um Japão que ainda luta para definir sua nova identidade no pós-guerra (Lyons, 1985).

O caráter de Yozo é uma síntese de angústia e desespero, representando um tipo de sujeito que, confrontado com a imensidão do vazio existencial, tenta (sem sucesso) se redimir por meio de suas próprias falhas e pela fuga em comportamentos destrutivos. A desconstrução da moralidade e da realidade é uma das características centrais da obra, tornando-a uma crítica pungente ao vazio de uma sociedade que, após a destruição física e espiritual da Segunda Guerra Mundial, busca desesperadamente manter uma aparência de normalidade.

Ainda no primeiro caderno, para lidar com essa desconexão, Yozo recorre à bufonaria como mecanismo de sobrevivência social durante sua juventude: "A minha solução para isso foram as palhaçadas. Esse foi meu último recurso para angariar o amor dos seres humanos" (Dazai, 2018, p. 23). Ele a caracteriza como um expediente extremo para estabelecer vínculos interpessoais e, de certo modo, conquistar a aceitação alheia: "Fazendo palhaçadas, eu conseguia me ligar, pelo menos um pouco, às pessoas" (Dazai, 2018, p. 23).

Incapaz de compreender genuinamente os humanos, Yozo adota uma postura performática, imitando comportamentos e atitudes para mascarar sua alteridade. Além disso, suas palhaçadas funcionam como uma estratégia defensiva: ao assumir o papel de um bufão, ele evita ser levado a sério, reduzindo o risco de reprimendas ou confrontos diretos. Contudo, essa performance contínua é marcada por uma obsessiva apreensão: Yozo vive atormentado pelo medo de que sua atuação seja desmascarada, expondo sua verdadeira essência e fragilidade:

[...] a ideia de ser respeitado era para mim algo assustador. Minha definição de ser 'respeitado' era a de enganar a todos quase completamente, até ser desmascarado por algum ser onipotente e onisciente, que me reduziria a pó, numa vergonha pior do que a morte. Mesmo que você engane os seres humanos e consiga 'ser respeitado', alguém vai saber da farsa, vai acabar contando para os outros e, quando perceberem que foram enganados, será terrível a ira e a vingança dos seres humanos! (Dazai, 2018, p. 29).

Essa tensão constante entre a necessidade de ocultar-se e o temor de ser descoberto evidencia a profundidade de sua crise identitária e acentua o isolamento emocional que define sua experiência no mundo humano: "O que não consigo compreender são as pessoas que, enquanto se enganam mutuamente, vivem com pureza, alegria e serenidade — ou que acreditam poder viver assim" (Dazai, 2018, p. 32).

Com o passar do tempo, a inquietação de Yozo em relação à possível revelação de sua fachada alegre e imitativa se intensifica, culminando em um episódio decisivo em que seu

colega de escola, Takeichi, demonstra enxergar além de suas bufonarias superficiais. Temendo a exposição de seu disfarce, Yozo se aproxima de Takeichi e estabelece uma amizade estratégica, com o intuito de preservar seu segredo. É nesse contexto que Takeichi lhe apresenta uma pintura de Van Gogh, cuja intensidade emocional o inspira a explorar a arte como meio de externalizar sua angústia existencial.

Movido por essa influência, Yozo começa a pintar, criando pinturas de tal visceralidade que considera insuportável compartilhá-las com outros, exceto com Takeichi, que vislumbra nele um futuro promissor como grande artista. Essa breve incursão de Yozo no mundo da arte pode ser compreendida à luz da filosofia de Arthur Schopenhauer (2015), que define a arte como um instrumento de redenção, capaz de suspender temporariamente o domínio da Vontade — essa força irracional que, segundo o filósofo, impulsiona e escraviza os indivíduos ao desejo constante e, por consequência, à dor inevitável.

De acordo com Schopenhauer (2015), a arte permite transcender a Vontade ao apresentar as imagens da vida como ideias puras, abstraídas dos interesses e sofrimentos pessoais, libertando o indivíduo da incessante agitação do querer. Nesse contexto, a experiência estética proporciona um estado de contemplação desinteressada e um alívio momentâneo do sofrimento, rompendo, ainda que temporariamente, o ciclo da dor existencial.

No caso de Yozo, sua tentativa de retratar a si mesmo através da pintura pode ser vista como uma busca inconsciente por esse alívio. Entretanto, sua incapacidade de compartilhar suas pinturas evidencia que a reconciliação com seu tormento interior e sua Vontade ainda está fora de alcance, condenando-o a continuar prisioneiro de sua própria angústia:

[...] percebi que minha postura em relação à pintura estava totalmente equivocada. Quão superficial e estúpido é tentar retratar a beleza de algo que achamos belo. Os mestres, por meio de sua percepção subjetiva, criam beleza a partir do nada. Frente a coisas tão horríveis que causam ânsia, eles não escondem seu interesse, e mergulham no prazer da expressão. em outras palavras, eles não parecem depender das concepções e expectativas de outras pessoas (Dazai, 2018, p. 48-49).

Após concluir o ensino médio, Yozo se muda para Tóquio com o propósito de cursar a universidade, mas logo é tragado por um estilo de vida autodestrutivo. Sob a influência de Horiki, um colega que conhece em uma aula de pintura, ele adota hábitos de consumo excessivo de álcool, tabagismo e envolvimento com prostituição, ao mesmo tempo que frequenta reuniões comunistas, embora sem qualquer adesão ideológica genuína: “[...] aprendi que bebidas, cigarros e prostituição eram os instrumentos de que eu dispunha, ainda que de forma temporária, para dissipar o meu pavor dos seres humanos” (Dazai, 2018, p. 55).

O ápice de sua descida ocorre quando ele se envolve com uma mulher casada, com quem decide cometer shinju (suicídio duplo) por afogamento: “Naquela noite eu decidi, de verdade, morrer. Nessa mesma noite, lançamo-nos ao mar de Kamakura” (Dazai, 2018. p. 75). Essa decisão representa uma tentativa desesperada de escapar da angústia existencial, descrita por Heidegger (1993) como a revelação do nada que permeia a existência humana.

No entanto, à véspera do ato, Yozo se vê imerso em uma inquietação silenciosa, incapaz de compreender a verdadeira profundidade do que estava sendo proposto. O "vamos morrer" pronunciado pela mulher pareceu carregar, nas entrelinhas, uma sombra de leveza, como se houvesse um vestígio quase imperceptível de brincadeira, que o distanciava da gravidade do momento. Esse entrelaçamento de seriedade e dúvida remete à reflexão de Schopenhauer (2015), que, ao ponderar sobre a morte, sugere que, ao temer sua iminência, buscamos consolo na ideia de que ela representa o fim de um estado que, de fato, não é desejável. Mesmo ao nutirmos compaixão por aquele que a enfrentará, sabemos que nada mais lhe ocorrerá além da transição para algo que, em sua essência, não mais se sustenta. Essa compreensão filosófica, de forma indireta, lança luz sobre o dilema existencial de Yozo, cujos sentimentos ambíguos revelam o conflito entre a resistência ao fim e a vontade cega de continuar, mesmo diante da inevitabilidade.

Porém, o desfecho do ato é trágico e irônico: enquanto a mulher morre, Yozo sobrevive, ficando preso ao que Sartre (1998) define como a condenação à liberdade. Ele percebe que, mesmo ao tentar abdicar da vida, não pode fugir da responsabilidade inalienável de existir e arcar com as consequências de suas escolhas, o que o lança em um estado de culpa insuportável. Sob a perspectiva camusiana, o ato de suicídio é uma tentativa de negar o absurdo da existência, mas Yozo, ao sobreviver, é confrontado novamente com essa condição inevitável. Sua sobrevivência força-o a reconhecer que a fuga é impossível e que o peso do absurdo continua, intensificando sua sensação de inutilidade e fracasso.

Além disso, a tentativa de Yozo de buscar conexão emocional por meio do shinju revela sua incapacidade de superar, o que Simone de Beauvoir (2005) descreve como a necessidade de encontrar sentido nas relações com os outros. Sua falha em estabelecer essa conexão aprofunda o abismo entre ele e qualquer possibilidade de redenção, seja emocional, social ou existencial. A ironia de sua sobrevivência pode ser interpretada, também, como o impulso de dissolver-se no caos e na dor que, no entanto, resulta apenas na reafirmação da continuidade da existência. Yozo é forçado a confrontar não apenas sua própria liberdade, mas o vazio que essa

liberdade implica, sendo incapaz de encontrar significado ou consolo, mesmo nos extremos de sua tentativa de autodestruição.

Na primeira parte do terceiro, e último, caderno, Yozo é expulso da universidade e, como um naufrago à deriva, é levado sob os cuidados de um amigo da família, numa tentativa quase desesperada de restaurar alguma aparência de estabilidade em sua vida. No entanto, essa tentativa revela-se impregnada da angústia sartreana: a consciência de Yozo de que é condenado a ser livre o leva a rejeitar qualquer estrutura imposta pela boa vontade alheia, pois, para ele, assumir a liberdade é também carregar o insuportável peso da responsabilidade.

Durante esse período, acaba se envolvendo com uma mãe solteira, conhecida de Horiki, numa tentativa de criar um vínculo que represente a possibilidade de transcendência: ao assumir o papel de figura paterna para a filha pequena dela, Yozo busca preencher o vazio de sua existência com um sentido que nunca parece realmente seu. No entanto, sua tentativa fracassa sob a sombra do niilismo: não encontra na relação nada que seja capaz de redimir a ausência de significado que permeia sua visão da vida.

Rápida e inexoravelmente, Yozo é tragado de volta por seus antigos hábitos de bebida, numa espiral de autossabotagem à qual reflete que a existência humana é marcada por um ciclo incessante de dor e tédio, e sua incapacidade de se conectar com outros seres humanos reforça a visão schopenhaueriana de que o sofrimento é inerente à condição humana. A sensação de estranhamento diante da humanidade — um medo visceral que beira o pavor metafísico — consome sua capacidade de sustentar qualquer laço humano, levando-o a abandonar a relação:

Elas são pessoas felizes. Se um idiota como eu ficar entre essas duas, logo vai acabar com elas. Uma felicidade modesta. Boa mãe, boa filha. Ah! Se Deus puder ouvir as preces de alguém como eu, peço, nem que seja uma única vez na vida, a felicidade! Senti vontade de me ajoelhar e rezar ali. Fechei a porta com cuidado, me dirigi a Ginza mais uma vez, e nunca mais retornei àquele apartamento (Dazai, 2018, p. 107).

Posteriormente, Yozo passa a viver com a cafetina de um bar até conhecer Yoshiko, uma jovem ingênua e idealista que deseja ajudá-lo a abandonar o álcool e encontrar um propósito. A chegada de Yoshiko marca um breve período de transformação na vida de Yozo. Sob sua influência, ele consegue interromper seus hábitos autodestrutivos e encontra uma ocupação remunerada como cartunista. Contudo, essa estabilidade recém-adquirida é fragilizada pela reentrada de Horiki em sua vida, que o conduz novamente a comportamentos destrutivos. A situação se agrava irreparavelmente quando, durante uma discussão filosófica com Horiki sobre o conceito de antônimo de crime — remetendo à obra *Crime e Castigo*, de Dostoiévski —, Yoshiko é sexualmente violentada por um conhecido casual:

Li vários romances, procurando por histórias de mulheres casadas que tivessem sido violentadas. Por fim, percebi que nenhuma havia sido violada de maneira tão miserável como Yoshiko fora. Sua história não servia sequer para um romance. Se ao menos houvesse algum amor entre Yoshiko e aquele comerciante nanico, eu talvez me sentisse aliviado. Todavia, o fato era que, em uma noite de verão, Yoshiko confiou nele, nada mais. E esse incidente fez com que eu rachasse ao meio, deixou minha voz rouca, fez com que cabelos brancos despontassem de forma prematura, e com que Yoshiko passasse o resto da vida temerosa [...] Longe de ficar enraivecido, não conseguia pronunciar uma palavra sequer. Além do mais, minha esposa havia sido violentada graças àquela sua rara virtude — uma virtude admirada pelo marido, algo imensamente gracioso que poderia ser chamado de ‘confiança imaculada’ (Dazai, 2018, p. 126-127).

Dazai explora a interseção entre pureza, confiança e a inevitabilidade do sofrimento humano, dialogando profundamente com temas existencialistas. O sofrimento do narrador não reside apenas na violência sofrida por Yoshiko, mas na destruição daquilo que ele idealizava como confiança imaculada, descrita como algo "puro, cristalino como uma cascata cercada de folhas verdes" (Dazai, 2018, p. 126). Essa metáfora sugere um estado de inocência primordial que, ao ser corrompido, leva à dissolução de um senso de ordem e significado. Tal visão reconduz Yozo a um mundo caótico, desprovido de valores intrínsecos.

O narrador, incapaz de reconciliar-se com o evento traumático, vivencia uma crise ética e emocional que se manifesta como culpa difusa, refletindo a ideia sartreana de que somos condenados à liberdade e, portanto, responsáveis por nossas escolhas e ações, mesmo diante de circunstâncias que escapam ao nosso controle. Ademais, o questionamento: "Será a 'confiança imaculada' um pecado?" (Dazai, 2018, p. 128) aponta para uma tensão existencial profunda: a virtude de Yoshiko, ao invés de ser uma força redentora, revela-se o gatilho de sua vulnerabilidade.

Essa contradição remete ao conceito de vontade de viver, pois as qualidades humanas mais nobres frequentemente conduzem ao sofrimento, já que são inadequadas para lidar com a brutalidade inerente à vida (Schopenhauer, 2015). A dinâmica entre o narrador e Yoshiko também evidencia a fragmentação relacional que o trauma impõe, fazendo com que a intimidade seja substituída pela vigilância e pelo medo, numa reprodução do sentimento de alienação que permeia as relações humanas no pensamento existencialista.

Ao criticar os romances que reduzem situações semelhantes ao dilema do perdão, Dazai denuncia a superficialidade das narrativas tradicionais, que ignoram as camadas de dor e desconexão impostas por eventos traumáticos. O narrador, rachado ao meio pela experiência, exemplifica a fragilidade da existência humana frente a um mundo que constantemente viola aquilo que se acredita ser intocável, expondo uma verdade essencial: a vida é uma série de

confrontos com o absurdo, em que a tentativa de encontrar sentido é, por si só, um ato de resistência.

Esse incidente devastador intensifica o desespero de Yozo, desestruturando completamente seu relacionamento com Yoshiko e levando-o a uma nova tentativa de suicídio, desta vez utilizando drogas soporíferas:

Nessa época eu contava apenas com a bebida e nunca tomava soníferos. A insônia, entretanto, era um mal constante para mim, por isso conhecia quase todos eles. O conteúdo daquela caixa de Dial era mais que suficiente para levar alguém à morte [...] procurando não fazer o menor ruído, enchi um copo com água e rompi devagar o lacre da caixa. Enfiei todo o conteúdo na boca, bebi a água calmamente, apaguei a luz e fui dormir. Por três dias e três noites, permaneci como se estivesse morto. O médico considerou aquilo como um acidente e adiou o relatório à polícia. Disseram que a primeira coisa que balbuciei ao despertar foi ‘vou voltar para casa’ (Dazai, 2018, p. 129).

Após ser resgatado e hospitalizado, Yozo sucumbe à dependência de morfina, intensificando sua espiral de autodestruição. O medo de estar preso ao vício, em vez de afastá-lo, impulsiona-o ainda mais em direção à droga (Dazai, 2018), criando um ciclo incessante e autodestrutivo. Esse comportamento compulsivo reflete um paradoxo existencial: a tentativa de preencher o vazio interior por meio de uma busca incessante por transcendência acaba por aprisionar ainda mais o indivíduo. Como observado por Monteiro (2016), o uso de drogas manifesta o desejo de libertação, mas resulta em escravidão — um movimento que, ao aspirar à liberdade, termina em retrocesso. Nesse contexto, a droga assume um papel ambíguo: ao mesmo tempo que oferece uma fuga temporária do desespero existencial, reforça a sensação de impotência e alienação, características fundamentais do vazio que Yozo busca superar. Sobre a impotência, Yozo relata:

Quando cheguei à conclusão de que as drogas eram coisas tão miseráveis e imundas quanto o álcool — não, muito mais —, já havia me tornado um completo viciado. Havia ultrapassado o limite da falta de vergonha. Pensando apenas em adquirir as drogas, recomencei a fazer mangás pornográficos. Além disso, comecei a ter o que literalmente se poderia chamar de uma relação feia com a aleijada da farmácia. Quero morrer. Quero morrer mais do que tudo. Não há mais chance de recuperação. Não importa o que faça, não importa como faça, estou fadado a falhar e adicionar uma camada de verniz à minha vergonha. Não posso sonhar em ir de bicicleta até uma cascata cercada de folhas verdes. São apenas crimes sujos empilhando-se sobre crimes miseráveis e meu sofrimento só cresce e fica ainda mais violento. Quero morrer. Preciso morrer: viver é uma fonte de pecados (Dazai, 2018, p. 137).

Eventualmente, Yozo é internado em uma instituição psiquiátrica e, após sua alta, retira-se para um local isolado com o auxílio de seu irmão. A narrativa culmina em uma declaração

de total e complexo desamparo existencial, refletindo uma visão niilista da vida: “Já não há mais felicidade ou infelicidade para mim. Tudo passa. Apenas isso. Essa é a única coisa próxima a uma verdade que encontrei no mundo dos chamados ‘seres humanos’, o inferno onde eu tenho vivido até agora” (Dazai, 2018, p. 142).

O vazio é apresentado como uma condição intrínseca da existência humana, resultante não de uma falha ou deficiência, mas da própria ausência de significado preexistente no mundo. Para Yozo, essa tomada de consciência de sua alienação — que o afasta de qualquer forma de sentido transcendente ou moral — revela um abismo niilista, no qual qualquer tentativa de atribuir valor à vida se mostra desprovida de fundamento. Ao se confrontar com a verdade de sua própria insignificância, Yozo não encontra redenção, mas apenas uma contínua busca por uma paz impossível, uma quietude que reside na aceitação de que nada mais há a esperar ou alcançar, além da pura passagem do tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Declínio de um homem* revela um quadro existencial de profundidade angustiante, no qual Dazai encarna a antissociabilidade niilista-existencialista por meio de um alter ego fragmentado e atormentado. A estrutura narrativa epistolar proporciona uma perspectiva intimista e confessional da trajetória de Yozo, marcada por um desajuste radical às normas sociais e um desconforto existencial profundo. A alienação do protagonista não se limita ao distanciamento físico das relações humanas, mas revela a impossibilidade de uma comunicação autêntica com os outros e consigo mesmo. Esse fenômeno é intensificado pela busca incessante de significado em um mundo em que a normalidade é desconstruída e os valores tradicionais se desintegram, como exemplificado pela filosofia niilista e existencialista que permeia sua vivência.

A caracterização do niilismo em Yozo, seja por meio da inquietação sobre a felicidade ou da aguda percepção de um vazio ontológico, reflete a perda de um propósito universal, ponto central nas filosofias de Nietzsche, Sartre, Schopenhauer e Camus. A perda da conexão com valores absolutos e o conseqüente abandono das normas sociais estabelecem o abismo existencial, que se revela como uma crise individual e como uma manifestação do desajuste coletivo no período pós-guerra. Yozo, em sua busca desesperada por identidade e por um papel que o reanime do vazio existencial, encontra na bufonaria um recurso performático que, embora aparente ser uma solução, revela-se uma máscara incapaz de disfarçar as lacunas de sua própria

humanidade. Sua condição de niilismo passivo, em que a angústia e a desesperança se tornam sua realidade, se entrelaça com as críticas socioculturais de uma sociedade japonesa devastada pela guerra, na qual a fachada de normalidade se dissolve sob o peso das cicatrizes históricas.

A tensão interna de Yozo, ora desesperado por um reconhecimento genuíno, ora afligido pelo medo da exposição de sua farsa, exemplifica a dialética entre o desejo de integração e o terror da vulnerabilidade. Essa dinâmica reflete, em última instância, a dialética do niilismo que, por um lado, condena o sujeito ao sofrimento e ao vazio, mas, por outro, lhe concede a liberdade de recriar seu próprio significado e os parâmetros de sua existência. Ao abordar a desconstrução de uma moralidade, Dazai articula uma crítica ao vazio moral de sua sociedade, mas também propõe uma reflexão sobre o sofrimento humano como elemento essencial da constituição de uma nova visão de mundo, que, embora marcada pelo abismo, ainda carrega a potencialidade de uma ressignificação existencial.

Em última análise, *Declínio de um homem* não apenas expõe a dor de um ser humano perdido entre a intransigente exigência social e a impossibilidade de adequação a esses parâmetros, mas também coloca em xeque a própria possibilidade de compreensão de um eu autêntico em um mundo onde a farsa e o distanciamento são as únicas formas de preservação da integridade. A obra de Dazai, portanto, transcende a experiência individual de Yozo e se configura como um espelho da angústia existencial e do niilismo que marcam a transição da modernidade, refletindo a busca angustiante por um sentido que não se encontra nas imposições externas, mas na reconstrução contínua do ser, mesmo que essa reconstrução seja inatingível.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010

CANCIAN, André. **O Vazio da Máquina: Niilismo e outros abismos**. Ed. Ateus.net, 2009
Disponível em:

https://www.academia.edu/41872748/O_Vazio_da_M%C3%A1quina_Niilismo_e_outros_abismos. Acesso em: 2 dez. 2024.

DAZAI, Osamu. **Declínio de um homem**. São Paulo. Estação Liberdade, 2018

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004

DOWER, J. **Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War II**. New York, 1999.

Alves, V. Y. I.; Ferreira, E. A. Watakushi Shosetsu de Osamu Dazai e a antissociabilidade niilista-existencialista do alter ego

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOWLER, E. **The Rhetoric of Confession**. Califórnia: University of California Press, 1988.

FUKASHI, Asami. Watakushi Shôsetsu kaishaku no henshen. **Kokubungaku laishaku to kyôzai no kenkyu**, v. 11, n. 3, 1966.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Vol. I). Petrópolis: Editora Vozes. 1993.

KAWANA, Karen Kazue. Ficção e realidade na literatura japonesa: o watakushi shôsetsu e o caso de Osamu Dazai. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 17, p. 61–74, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120271>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KAWANA, Karen Kazue. Miyamoto Yuriko: a trajetória de um ‘eu’ feminino na história japonesa. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 117–130, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/15403/12516>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KOBAYASHI, Hideo. Watakushi shôsetsu ron. In: KOBAYASHI, Hideo Zenshu. vol. III, Shinchô, 1968

KONISHI, Jin’ichi. **Nihon bungakushi (História da literatura japonesa)**. Tóquio: Kôdansha, 1994.

LYONS, Phyllis I. **The Saga of Dazai Osamu: A Critical Study with Transhtions**. Stanford: Stanford University Press, 1985.

MONTEIRO, Waldir do Santos. Compulsão a Drogas - Um Olhar Existencial. **Revista Mosaico**, v. 1, n. 2, p. 51, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OKAMOTO, Mónica Setuyo. Breve análise dos reflexos da Segunda Guerra Mundial nas obras literárias japonesas. **Estudos Japoneses**, [S. l.], v. 27, p. 139–146, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/141795>. Acesso em: 23 nov. 2024.

OLIVEIRA, Hallan Pereira de. **O niilismo e seu processo histórico no pensamento europeu, através do pensamento de Nietzsche**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. São Paulo: Todavia, 2019

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 782.

Alves, V. Y. I.; Ferreira, E. A. Watakushi Shosetsu de Osamu Dazai e a antissociabilidade niilista-existencialista do alter ego

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Tradução João Batista Kreuch, Petrópolis: Vozes, 2014.

SASAKI, Elisa Massae. Estudos de Japonologia no Período Meiji. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 37, p. 19–32, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/147822>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, v. Tomo I, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, v. Tomo II, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. A História como Trauma. *In*: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.). **Catástrofe e Representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

SENRA, Flavio Pereira. **A herança do período naturalista nas letras do século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13328/1/TKSL26102018.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024

SUZUKI, T. **Narrating the self: fictions of Japanese modernity**. Stanford: Stanford University Press, 1996.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 2. ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

WOLFE, Alan Stephen. **Suicidal Narrative in Modern Japan: The Case of Dazai Osamu**. Princeton: Princeton University Press, 1990.